

OS NOVOS CENÁRIOS E DESAFIOS DO ASSENTAMENTO DOM JOSÉ GOMES

Cristiane Tonezer¹
Maria Carolina Silveira
Teresinha Boufleuer
Andreza Letícia Tessaro

RESUMO

Este trabalho pretende situar alguns aspectos da luta emancipatória do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) frente ao modelo de globalização hegemônico atual. Tem por objetivo dialogar e compreender o que tem levado os assentados rurais de Reforma Agrária a perderem seu senso de coletividade, considerando que o objetivo do MST é o trabalho na lógica comum. Metodologicamente se caracteriza como uma pesquisa-intervenção. Analisou-se que, mesmo no mundo rural tradicional, as perspectivas futuras tornam-se cada vez mais voltadas para "o mundo da cidade" e, além disso, existe uma racionalidade centrada na ampliação da renda, como forma de realização e "progresso", que deixa de lado as vivências tradicionais de tempos-espacos rurais. Busca-se elencar a realidade do Assentamento Dom José Gomes, localizado na linha Água Amarela, interior do município de Chapecó (SC), mostrando os resultados e discussões a partir do que foi identificado via Programa de Apoio a Processos Participativo de Desenvolvimento Local (Papel).

Palavras-chave: Assentamento. MST. Coletividade. Espaços-tempos rurais.

THE NEW SCENARIOS AND CHALLENGES OF DOM JOSÉ GOMES SETTLEMENT

ABSTRACT

This paper intends to situate some aspects of the emancipatory struggle of the Landless Workers' Movement (MST) against the current model of hegemonic globalization. Its objective is to dialogue and understand what has led rural settlers by Agrarian Reform to lose their sense of collectivity, considering that the objective of the MST is the work in common logic. Methodologically this paper is characterized as a research intervention. It has been analyzed that even in the traditional rural world, future perspectives become increasingly geared towards "the cities' world" and, moreover, there is a rationality centered

¹ Doutora em Desenvolvimento Rural como Bolsista CAPES pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul PGDR/UFRGS, Doutorado Sanduíche como Bolsista CNPQ na Universidade do Algarve (Portugal), Mestre em Desenvolvimento Rural como Bolsista CNPQ pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul PGDR/UFRGS e Bacharel em Desenvolvimento Rural e Gestão Agroindustrial pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul UERGS. Atuou como Gestora Executiva do Arranjo Produtivo Local APL das Agroindústrias Familiares do Vale do Taquari. É professora Titular da Universidade Comunitária da Região de Chapecó UNOCHAPECÓ. Atua principalmente nos temas referentes ao desenvolvimento regional e desenvolvimento rural, políticas públicas, agricultura familiar e sistema agroalimentar e gestão agroindustrial.
Contato: tonezer@unochapeco.edu.br

increase in income as an embodiment and "progress", which leaves aside the traditional experiences of rural space-times. The objective is to identify the reality of the Settlement Dom José Gomes, located on the Agua Amarela line, in the interior of the municipality of Chapecó (SC), showing the results and discussions based on what was identified through a Program to Support Participative Local Development Processes (Papel).

Keywords: Settlement. MST. Collectivity. Rural space-times

LOS NUEVOS CENARIOS Y DESAFÍOS DEL ASENTAMIENTO DON JOSÉ GOMES

RESUMEN

Este trabajo pretende situar algunos aspectos de la lucha emancipatoria del Movimiento de los Trabajadores Sin Tierra (MST) frente al modelo de globalización hegemónico actual. Tiene por objetivo dialogar y comprender lo que ha llevado los asentados rurales de Reforma Agraria a perder su sentido de colectividad, considerando que el objetivo del MST es el trabajo en la lógica común. Metodológicamente se caracteriza como una investigación de intervención. Se analizó que en el mundo rural tradicional, las perspectivas futuras se vuelven cada vez más a "el mundo de la ciudad" y, además, existe una racionalidad centrada en la ampliación de la renta como forma de realización y "progreso", que deja de lado las vivencias tradicionales de tiempos-espacios rurales. Por fin, se desea mostrar la realidad del Asentamiento Don José Gomes, ubicado en la línea Agua amarilla, interior del municipio de Chapecó (SC), se muestran los resultados y discusiones a partir de lo que se identificó a través del Programa de Apoyo a los Procesos Participativos de Desarrollo Local (Papel).

Palabras clave: Asentamiento. MST. Colectividad. Espacios-tiempos rurales.

INTRODUÇÃO

Para efeito de introdução, considera-se aqui que o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), dentro dos Movimentos Sociais, é permeado pelos pressupostos do materialismo histórico-dialético, quando estes remetem a dimensões ideológicas, políticas e econômicas nas relações estabelecidas entre capital e trabalho ([GALVÃO, 2011](#)). Nesse sentido, não é de hoje que as disputas por uma área de terra aparecem. De acordo com registros históricos, a terra nem sempre foi um bem privado, conforme vemos nos dias atuais. Essa noção de apropriação tem indícios ainda nas sociedades tribais, que foram se modificando até surgirem as primeiras cidades ([ONGHERO, 2015](#)). Em Santa Catarina, a primeira ocupação realizada pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra foi na Fazenda Burro Branco, no município de Campo Erê, em 1980. Foi a "[...] primeira experiência conduzida no sentido da organização de um movimento maior de luta pela terra." ([POLI, 2008, p. 89](#)). Tratando-se de Chapecó, encontramos o Assentamento Dom José Gomes, localizado na Linha Água Amarela, que possui uma história de sete anos de lutas e acampamento, para conseguir uma área de terra e uma moradia digna ([PDA, 2009](#)).

Frente a isso, apresenta-se a trajetória do Programa de Apoio a Processos Participativos de Desenvolvimento Local (Papel), da Universidade Comunitária da região de Chapecó (Unochapecó), que, desde o segundo semestre de 2014, vem realizando

atividade de extensão com a comunidade do Assentamento Dom José Gomes, localizado no município de Chapecó, oeste de Santa Catarina. O Papel passou a operar nesse espaço após a demanda de algumas lideranças, e ouvirem-se relatos de que “o espírito comunitário estava se perdendo” e causando o afastamento dos moradores de seus objetivos coletivos.

A partir dessa demanda, iniciam-se as atividades de pesquisa-intervenção com o propósito não apenas de coletar informações, mas também de contribuir para o desenvolvimento local por meio da promoção de trabalhos de autoanálise e autogestão, visando à construção de projetos coletivos que fortaleçam o grupo e os vínculos comunitários. Aprovou-se, em dezembro de 2015, um projeto por intermédio da Fundação de Apoio à Pesquisa e à Extensão (Fapex) a fim de intervir especificamente no Assentamento Dom José Gomes.

Com vigência até dezembro de 2017, esse projeto, denominado “Fortalecendo a Integração Comunitária no Assentamento Dom José Gomes”, teve como objetivo construir, junto com os moradores do Assentamento, iniciativas de organização na comunidade, contribuindo com a promoção do espírito comunitário como condição para o desenvolvimento sustentável e a agregação de novas práticas coletivas, aproximando a universidade e integrando o ensino, pesquisa e extensão. Frente a isso, este artigo pretende mostrar o que foi identificado e compreender o que pode estar levando o assentamento rural em análise a perder sua lógica comum.

METODOLOGIA

O estudo é de caráter exploratório, no qual se utilizam observações participantes e entrevistas realizadas no assentamento. Esse modelo, que vem ao encontro da lógica proposta por [Barembliitt \(2002\)](#), diz respeito ao processo de estar junto à comunidade ou instituição e, ouvindo a todos e juntamente com todos, identificar a demanda e as verdadeiras necessidades do grupo. Com base no referencial teórico, buscou-se, no decorrer da pesquisa, investigar o máximo possível quais eram os modos de organização e gestão utilizados na comunidade do assentamento. Levantou-se, junto aos moradores e lideranças, quais eram suas principais necessidades e, a partir delas, buscou-se sempre realizarem-se intervenções específicas, por meio de um processo coletivo, partindo de uma dialética de autogestão e autoanálise, em que o profissional e a comunidade trabalham juntos, com o objetivo de encontrar e analisar as demandas, de modo que o coletivo possa entender e agir sobre suas reais necessidades ([PEREIRA et al., 2014](#)).

Assim, o projeto de intervenção no assentamento se delinea como uma pesquisa intervenção. Para [Rocha e Aquiar \(2003, p. 67\)](#):

O processo de formulação da pesquisa-intervenção aprofunda a ruptura com os enfoques tradicionais de pesquisa e amplia as bases teórico-metodológicas das pesquisas participativas, enquanto proposta de atuação transformadora da realidade sócio-política, já que propõe uma intervenção de ordem micropolítica na experiência social.

Dessa maneira, a pesquisa intervenção ajuda a pensar ações de transformação no assentamento, sendo que este preza inicialmente que se mobilizem e sensibilizem os atores envolvidos, para posteriormente envolver e organizar os processos participativos de gestão social pensados pela própria comunidade na relação com os organizadores da intervenção.

Parte-se da elaboração de diagnósticos participativos. Depois dessa etapa, inicia-se a elaboração de propostas estratégicas e eixos aglutinadores de desenvolvimento e então, finalmente, alcança-se a efetivação dos projetos e ações ([UNOCHAPECÓ, 2015](#)).

A intenção foi a de abranger, por meio do referencial teórico da Análise Institucional, ([BAREMBLITT 1992 apud PEREIRA et al., 2014](#)), a construção de estratégias que visem ao fortalecimento dos laços sociais e de cidadania. Por meio de um planejamento participativo, possibilitou-se o diálogo entre os sujeitos, promovendo-se um espaço de escuta e compreensão, fortalecendo-se os laços sociais e a autonomia dos envolvidos, pautando-se sempre na ética profissional.

A intervenção foi feita com o intuito de que a comunidade reflita e analise tais questões que atravessam significativamente o seu cotidiano, pois somente o coletivo tem a autonomia de decisão e efetivação de qualquer plano.

DISCUSSÃO E ANÁLISE

A história desse assentamento iniciou-se no dia 22 de abril de 2002, a partir de quando mais de duzentas famílias, tendo ocupado a fazenda Seringa, permaneceram em condição de acampamento por sete anos, até que o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) tomou a posse da área, destinando-a para Reforma Agrária. O assentamento localiza-se no município de Chapecó, oeste de Santa Catarina, onde residem em torno de trinta famílias, que praticam a agricultura e têm, como meio de subsistência, a agricultura familiar e o trabalho no meio urbano. Sua área total é de 372,3508 hectares² ([SIGRA, 2015](#)).

De acordo com o Plano de Desenvolvimento do Assentamento ([COOPTRASC, 2009](#)), o ideal de organização dos assentamentos proposto pelo MST é o sistema cooperativo, no qual a terra, os meios de produção e outras riquezas sejam do coletivo organizado por meio do cooperativismo. No entanto, o que se observa é que são poucos os assentamentos que conseguem se organizar de forma cooperativa, restando a maioria deles como organizações semicoletivas ou individuais.

Entende-se que o espírito coletivo de luta deva permanecer na base da organização dos assentamentos para promover o desenvolvimento econômico e social das famílias como uma forma de prevenir o total individualismo, reforçado pelos modelos econômicos vigentes na sociedade. No caso deste assentamento, algumas lideranças têm demonstrado preocupação com a diminuição desse senso comunitário e o surgimento de conflitos, fragilizando a organização social e desfocando dos objetivos iniciais do assentamento. Além disso, por meio da fala de um representante do assentamento, apontou-se que estaria na hora de os grupos voltarem a se encontrar e assumirem a coordenação, pois a articulação nesses espaços diminuía, e o espírito de trabalho voltou-se à individualidade, aos lotes individuais e ao trabalho em empresas externas ([UNOCHAPECÓ, 2015](#)).

O Papel, por meio do projeto “Fortalecendo a Integração Comunitária”, realizou diagnósticos e levantamento de informações e demandas, para contribuir no fortalecimento da comunidade e promoção do desenvolvimento econômico e social das famílias, de modo a conscientizá-las da conquista de benefícios e objetivos que só podem ser alcançados por intermédio da coletividade. Essas ações, cuja finalidade é a de contribuir com o

² SIGRA - **Retrato do Assentamento Dom José - Chapecó (SC)**. Chapecó, 2015. [Apresentação em slides].

fortalecimento da comunidade, utilizaram a retomada das memórias comunitárias sobre a conquista da terra e dos objetivos que os levaram a constituir um assentamento.

Colaborando com essa perspectiva tanto da extensão universitária, como das diretrizes do Papel, e entendendo que o diagnóstico é um processo, parte-se da premissa da constante observação e participação nas ações coletivas, pois é um processo coletivo e dinâmico, o qual exige o reconhecimento da história e memória do assentamento, da análise da situação atual. Esse reconhecimento foi primordial para a aproximação com o campo e elaboração do projeto, bem como sua continuidade.

Tendo em vista que o “[...] Movimento dos Sem Terra (MST) é um movimento de trabalhadores do campo que lutam para conquistar a posse da terra, à qual nunca tiveram acesso, ou de onde foram expropriados [...]” ([POLI, 2008, p. 32](#)), cabe destacar seu contexto histórico marcado profundamente por experiências capitalistas e que, junto a diversos outros movimentos sociais do campo, buscaram se organizar e fortalecer suas bandeiras contra o sistema hegemônico que induzia a exclusão social. Desse modo, “[...] na busca por uma sociedade mais justa e igualitária, os movimentos sociais reestruturaram a camada popular, fortaleceram a base e construíram uma comunidade alternativa.” ([PEREIRA et al., 2014, p. 629](#)).

A comunidade abrange “[...] todas as formas de relacionamento caracterizado por um grau elevado de intimidade pessoal, profundidade emocional, engajamento moral [...] e continuado no tempo.” ([SAWAIA, 1999, p. 13](#)). Na perspectiva de comunidade trazida por [Sawaia \(1999\)](#), percebem-se alguns pontos essenciais que fazem com que aquelas famílias que lá residem não consigam se desenvolver de forma significativa, nem mesmo estabelecer laços de comunhão. Por meio das observações no campo, identificou-se como uma problemática a ser trabalhada o modo como são tomadas as decisões, percebendo-se que o coletivo em si não decide, quem delibera são alguns poucos, na maioria das vezes os responsáveis pelos setores, ou mesmo os representantes do assentamento. Pontua-se que a coordenação geral é composta por seis pessoas que discutem as demandas do assentamento, articulando as organizações internas e externas, a exemplo do próprio MST, com uma função política, comunitária, de produção. Numa segunda instância constituída de forma não hierárquica, o Conselho Comunitário do assentamento tem uma função de gestão do espaço possuindo um caixa financeiro e deliberando as atividades, conforme necessidades avaliadas com a coordenação do assentamento ([COOPTRASC, 2009](#)).

Na composição de suporte à coordenação e ao conselho, os núcleos de base são também os grupos de suporte geral do MST. Os núcleos se organizam pela afinidade pessoal e, no assentamento, distribuem-se geograficamente próximos, conforme acordo coletivo, facilitando sua articulação e sua comunicação. Além da articulação, os núcleos têm o papel de escolher seus representantes na coordenação geral. A princípio, reuniam-se numa frequência de uma vez por mês e tinham o propósito de ter um trabalho semicoletivo da atividade agropecuária ([COOPTRASC, 2009](#)). Em entrevista realizada pela equipe do Papel com um líder do assentamento, relatou-se que está no momento de os grupos voltarem aos seus encontros e coordenações, pois a articulação nesses espaços diminuiu, e o espírito de trabalho voltou-se à individualidade, aos lotes individuais e ao trabalho externo.

Conforme narrativas de alguns moradores, a deliberação dos rumos a serem tomados pela comunidade acaba ocorrendo de forma arbitrária, rompendo com a ideia de comunidade e democracia. A organização social do Assentamento, que deveria estar mais para a eclosão de um dissenso, para a ascensão da política, acaba por ser restringida, ficando limitada a uma ordem penal consensual, o que afeta diretamente na relação

comunitária, gerando imobilidade e enfraquecendo os projetos coletivos. Quando falamos aqui em política, não nos referimos aos modos de gestão, mas ao processo de produção de novos sentidos sobre o comum. Política, na perspectiva de [Rancière \(1996\)](#), é produção de dissensos, de desentendimentos sobre o instituído e de produção de atores sociais que se desidentificam com suas posições anteriores, reconhecendo novas possibilidades coletivas e questionando os determinantes anteriores.

O que precisa ser considerado é que os problemas não se restringem apenas à não circulação do diálogo, mas também a questões de ordem interna de caráter relacional, e que surgem desde a distribuição dos lotes, feita pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, até fatores demográficos que envolvem o distanciamento de famílias que comumente interagem no período de acampamento e sofrem um distanciamento após a constituição do assentamento.

O processo de globalização paradoxal, entre dominantes e dominados, no qual as hierarquias dominantes têm cada vez mais garantidas sua permanência no poder e a comunidade, aparece hoje como uma “[...] utopia do final do século para enfrentar o processo de globalização, considerando o grande vilão da vida em comum e solidária” ([SAWAIA, 1996, p.36](#)). Vale então, “[...] refletir sobre as consequências do processo desigual de globalização, entre as quais se destacam o aumento da desigualdade e exclusão social, concentração maior de renda, falta de democracia e flexibilização dos direitos.” ([PEREIRA et al., 2014, p. 623](#)).

De fato, como fala Brandão (2007), presentifica-se uma racionalidade empresarial que domina todo o cenário da cidade, do campo e das relações entre um e outro. “Essa racionalidade de que o ‘agronegócio’ é o melhor espelho [...] altera estruturas sociais de poder, de apropriação de espaços de vida, trabalho e produção. Altera espaços, terras, territórios, cenários, tempos e paisagens.” ([BRANDÃO, 2007, p. 38-39](#)). Concomitantemente a isso,

Ao analisar as transformações macroestruturais em todo o mundo em uma ‘era de globalização’, Octavio Ianni soma-se a outros estudiosos ‘do que está acontecendo’, ao lembrar que, mesmo nos espaços mais aparentemente dominados pelo gigantismo ‘do que mudou’, as formas de vida comunitárias e tradicionais, de ocupação e produção em multiespaços partilhados de vida, labor e trabalho, não apenas resistem e sobrevivem, mas, em alguns cenários, elas proliferam, adaptam-se e transformam-se. ([BRANDÃO, 2007, p.42](#)).

Percebe-se que tudo está mudando, e, ao mesmo tempo, nada mudou ainda inteiramente. Mas evidencia-se cada vez mais o declínio da importância que as pessoas dão para suas comunidades. “A identificação territorial, que para a cidade e a nação tem sido historicamente importante, cede lugar a identificações pautadas por outros referentes, como ideologia, classe social etc.” ([PAIVA, 1998, p. 76](#)).

Nesse contexto, percebe-se que o afastamento dos moradores do espírito comunitário também sofre influências externas em decorrência da proximidade com o centro urbano do município de Chapecó, em que os moradores são envolvidos com oportunidades de trabalho e atrativos urbanos. Considera-se que o modo de viver em sociedades capitalistas modifica o olhar sobre o que é viver em comunidade coletiva. De certo modo, os assentados não podem ser culpabilizados pelas mudanças ocorridas no contexto comunitário.

Por toda a parte estamos envolvidos com novos termos entre a terra e o trabalho, novos conflitos, ou o aguçar dos velhos conflitos entre antigos e novos personagens rurais ou 'no campo'. Uma racionalidade centrada no lucro, na competência especializada e na competição legitimada como uma forma quase única de realização do 'progresso' quebra o que resta ainda de visões e vivências tradicionais de tempo-espaço rural e de modos de vida a que se aferram ainda os índios e os camponeses. ([BRANDÃO, 2007, p. 39](#)).

O que chama a atenção é o contexto hegemônico atual, que influencia não apenas a comunidade do assentamento de Chapecó, mas também outros tipos de comunidade. Na medida em que as questões da economia capitalista ganham força e espaço no cotidiano das famílias assentadas, os moradores passam a dar mais atenção à propriedade privada e produção de riqueza, deixando em segundo plano os objetivos coletivos, ocasionando o enfraquecimento dos espaços e vivências coletivas bem como de suas lideranças. Não obstante, como [Brandão \(2007, p. 56\)](#) pontua,

[...] mesmo no mundo rural tradicional, os horizontes da vida tornam-se cada vez mais voltados para 'o mundo da cidade', e cada vez mais as cidades 'maiores' dominam as cidades menores que, cercadas por áreas rurais, se tornam eixos de referência deles e um ponto a meio caminho entre o sítio e a 'cidade grande'. Espaços urbanos tendem a ser, a cada dia mais, o lugar de destino dos filhos dos homens e das mulheres da terra, quando não deles próprios. E as músicas sertanejas que versem sobre a 'saudade da minha terra' são o mais triste e dolente testemunho disso.

Apresenta-se também no assentamento uma racionalidade empresarial imposta ao campo, que pouco a pouco tem influenciado na lógica das relações sociais, éticas e nas interações entre as pessoas e suas respectivas culturas, economias e modos de vida ([BRANDÃO, 2007](#)). Portanto, pode-se perceber que existem movimentos de criação, mas, mesmo com esses movimentos, ainda a resistência dos moradores é muito grande, pois os conflitos internos do assentamento têm gerado o afastamento das pessoas dos grupos e reuniões que são feitas pelo projeto para a promoção do espírito comunitário.

Nesse cenário, o Papel desenvolveu suas atividades com a necessidade de uma inserção que compreenda o que está acontecendo e atue como potencializador de novas experiências, com cuidado e sutileza na abordagem. Portanto, "[...] a criação, na verdade, não existe apenas quando se criam grandes obras históricas, mas por toda parte em que o homem imagina, combina, modifica e cria algo novo..." ([VYGOSTKI, 1990 apud ZANELLA, 2012, p. 251](#)). Percebe-se que existe uma resistência entre os moradores, mesmo com movimentos de criar o novo, no qual se propõe que "[...] Resistências que reinventam a vida de cada um e, ao mesmo tempo, contribuem para a reinvenção das vidas de todos." ([ZANELLA, 2012, p. 260](#)).

De acordo com o [SIGRA \(2015\)](#), na comunidade do Assentamento Dom José Gomes, existem as entidades e organizações que apoiam, assessoram e orientam o assentamento, como a Cooperativa de Trabalho e Extensão Rural Terra Viva (Coptrasc), a Cooperativa Central da Reforma Agrária de Santa Catarina (CCA), a Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP) e o Programa de Apoio a Processos Participativos de Desenvolvimento Local (Papel) da UnoChapecó, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), a Cooperativa Regional de Comercialização do Extremo Oeste (Cooperoeste), a Confederação de Cooperativas da Reforma Agrária do Brasil (Concrab), a Coordenação da Brigada Justino Draszewski do MST, a Prefeitura

Municipal de Chapecó com as Secretarias da Agricultura, da Saúde, de Educação e de Assistência Social, e a Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri). Todas essas entidades atuam junto ao assentamento tentando proporcionar a melhoria na qualidade de vida e o desenvolvimento local no contexto apresentado. No entanto, há de se anunciar algumas dificuldades percebidas no assentamento, que podem estar diretamente relacionadas com a permanência das famílias e do projeto coletivo. Segundo trabalho desenvolvido pela UnoChapecó,

A primeira dificuldade apresentada é que as famílias não conseguem ter renda provinda da produção agropecuária, utilizando a estratégia de trabalho para captação de renda externa ao assentamento. A maioria das pessoas utiliza a terra dos lotes para a produção agrícola com intuito de garantir comida de qualidade, do autoconsumo, da segurança alimentar e nutricional. Poucas delas atuam na área comum que é coletiva, e vendem sua força de trabalho fora do assentamento. E, além disso, a atividade agropecuária que gera maior renda que é o leite não garante a renda familiar ou parte significativa dela, seja na comercialização *in natura* ou transformada. ([UNOCHAPECÓ, 2015, p. 49-50](#)).

Outro ponto a se mencionar são as dificuldades relacionais apontadas desde o início deste artigo. Nesse assentamento, infere-se que muitas são as dificuldades nas relações entre as famílias, como se vê na citação abaixo:

[...] sendo predominante o desejo de produzir individualmente em cada propriedade e não mais atuar em lotes/núcleos, como ocorre até o momento. Nesse sentido, além das implicações de relacionamento, destacam-se os impactos na produção e ambientais que essa modificação poderá trazer para o assentamento. Embora bastante privilegiado no que se refere aos recursos naturais, não possui em todas as propriedades (lotes) todos os recursos necessários para manutenção das mesmas. ([CAMPAGNOLO; NOVAKOWSKI, 2015, p. 9](#)).

Isso reforça o que se disse até aqui e fomenta a necessidade de práticas comunitárias que venham ceder lugar para a consciência social dos indivíduos e dos grupos, ao rever seus conteúdos teóricos perante as constantes mudanças de um mundo globalizado. Nessa perspectiva, as intervenções na comunidade do Assentamento Dom José Gomes devem permitir a potencialização de ações coletivas e também individuais; contudo, para conseguir-se isso, é necessário ter como referência uma visão solidária e concreta, a qual vai permitir mudanças em prol do bem comum e da felicidade particular ([ZANELLA, 2012](#)).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desse modo, o Assentamento Dom José Gomes reflete em sua organização e em seu modo de vida as características de movimentos de luta e de conquista, que não estão estruturados de forma causa e efeito, mas, sim, numa espécie de auto-organização e funcionamento do assentamento, pois desde o acampamento até a situação atual, ocorreu uma melhoria significativa das condições de vida expressas pela capacidade de acesso a programas governamentais, e garantia de direitos sociais, em um período de apenas seis anos ([CHAPECÓ, 2015](#)).

Mesmo com as melhorias, o Papel e as demais instituições continuam a contribuir para o envolvimento da população em atividades. A fim de promover uma maior aproximação dos assentados e um maior senso de coletividade, com foco no fortalecimento da comunidade em busca de soluções de problemas e na melhora das suas condições de vida, o Papel possibilitou, por meio das rodas de conversa realizadas entre os assentados, uma maior conscientização destes quanto à necessidade de diálogo coletivo na tomada de decisões para que estas não se restrinjam a alguns representantes. Apesar de algumas limitações, em especial de acesso às famílias assentadas em função de suas atividades de trabalho, às rodas de conversa desenvolvidas pelo Papel e pelo projeto Fortalecendo a Integração Comunitária, alinhadas com a perspectiva das diretrizes gerais da Política de Desenvolvimento de Extensão, possibilitaram o acesso e a troca dos conhecimentos disponíveis na universidade ao conjunto mais amplo de segmentos sociais e culturais. Nesse processo, viabiliza-se à comunidade acadêmica e regional o contato com as inovações científicas e tecnológicas, sociais, econômicas, culturais e ambientais, permitindo que os resultados das investigações produzidas sejam socializados e envolvam mais de um curso/área do conhecimento para contemplar atividades de extensão nos projetos pedagógicos dos cursos e, assim, apoiar e incrementar a participação dos acadêmicos nas atividades de extensão ([CHAPECÓ, 2015](#)).

Não restando dúvida sobre o valioso espaço que conquistou, a Unochapecó tem sido reconhecida pelos moradores como verdadeiro apoio por meio de seus diversos programas (Papel, ITCP, outros). E a riqueza pedagógica desse espaço favorece a inserção dos estudantes e pesquisadores numa realidade que busca construir para modos de vida baseados no senso comunitário. E, ainda, compreende-se que este trabalho está apenas iniciando um processo, para o qual outras áreas do conhecimento são convidadas a contribuir com vistas ao fortalecimento dos vínculos comunitários e ao desenvolvimento sustentável do Assentamento Dom José Gomes.

Submetido em 01/03/2018

Aceito em 26/10/2018

REFERÊNCIAS

[BAREMBLITT](#), G. F. **Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática**. 4. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2002. 235 p.

[BRANDÃO](#), C. R. Tempos e espaços nos mundos rurais do Brasil. **RURIS**, Campinas, v. 1, n. 1, p. 37-64, 2007.

[CAMPAGNOLO, L. L.; NOVAKOWSKI, G. A. de B.](#) Fortalecimento da economia solidária no território oeste de Santa Catarina: intervenção no assentamento Dom José Gomes - Chapecó (SC). In: ENCONTRO DE ECONOMIA CATARINENSE, POLÍTICAS PÚBLICAS E DESENVOLVIMENTO REGIONAL, 9. 2015, Chapecó. **Anais eletrônicos...** Chapecó: Unochapecó, maio 2015. Disponível em: http://www.apec.unesc.net/eventos_exibe_IX.htm . Acesso em: 10 out. 2016.

[COOPTRASC](#) (COOPERATIVA DOS TRABALHADORES DA REFORMA AGRÁRIA DE SANTA CATARINA). **Plano de Desenvolvimento do Assentamento Dom José Gomes**. Chapecó: Incra; Cooptrasc, 2009.

GALVÃO, A. Marxismo e movimentos sociais. **Crítica Marxista**, Campinas, v. 32, p. 107-126, 2011.

ONGHERO, A. L. **Ocupar, resistir, produzir**: Movimentos dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no Oeste catarinense e a construção da cidadania. Chapecó: CEOM/Unochapecó, 2015.

PAIVA, R. **O espírito comum Comunidade, mídia e globalismo**. Petrópolis: Vozes, 1998.

PLANO de Desenvolvimento do Assentamento Dom José Gomes, Chapecó – Santa Catarina. Chapecó: Incra; Cooptrasc, 2009.

PEREIRA, E. et al. Epistemologias da terra e práticas educativas: estratégias do MST para uma luta emancipatória frente ao modelo de globalização hegemônico. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO, 4., SEMINÁRIO DE ESTRATÉGIAS E AÇÕES MULTIDISCIPLINARES, 1., 2014, Joaçaba. **Anais...** Joaçaba: UNOESC, 2014. v. 2, n. 1, p. 621-634.

POLI, O. **Leituras em movimentos sociais**. 2. ed. rev. Chapecó: Argos, 2008.

RANCIÈRE, J. **O desentendimento**: política e filosofia. Tradução de Ângela Leite Lopes. São Paulo: Editora 34, 1996.

ROCHA, M. L. de; AGUIAR, K. F. de. **Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises**. Rio de Janeiro: Psicologia Ciência e Profissão, 2003.

SAWAIA, B. B. **As artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. Comunidade: a apropriação científica de um conceito tão antigo quanto a humanidade. In: CAMPOS, R. H. de F. (Org.). **Psicologia social comunitária**: da solidariedade à autonomia. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 35-53.

SIGRA (SISTEMA INTEGRADO DE GESTÃO RURAL DA ATER). **Retrato do Assentamento Dom José - Chapecó (SC)**. Chapecó, 2015. [Apresentação em slides].

UNOCHAPECÓ (UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA DA REGIÃO DE CHAPECÓ). **Diagnóstico Assentamento Dom José Gomes**. Chapecó: Unochapecó, 2015, 125 p.

CHAPECÓ. **Resolução nº 53/CONSUN/2015**. Aprova a alteração da Política de Extensão Universitária da Unochapecó. Chapecó, 28 maio 2015. Disponível em: <https://www.unochapeco.edu.br/static/data/portal/publicacoes/11154.pdf> Acesso em: 10 out. 2016.

ZANELLA, A. V. et al. Sobre ReXistências. **Psicologia Política**, Valência, v. 12, n. 24, p. 247-262, ago. 2012.